A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COMO INSTRUMENTO DE ENSINO: A ESCOLA NOVA E O DOCUMENTÁRIO A EXPERIÊNCIA DE ISABEL EM ESCOLAS EXPERIMENTAIS

Victor Braga Gurgel¹.
José Ramos Barbosa da Silva².

RESUMO

Este estudo tem origem numa pesquisa intitulada “Mudanças no processo de ensino: o jeito de ser das escolas experimentais”, realizada no ano de 2015, vinculada ao PROLICEN 2015, da Universidade Federal da Paraíba. Tem como objetivo refletir sobre o processo de produção do vídeo-documentário “A experiência de Isabel numa escola experimental” que, em sua feitura, valeu-se de contribuições da História, da Pedagogia e da Comunicação Social, realizadas como um projeto interdisciplinar, tal qual defendido por Fazenda (1999). O vídeo, em alguns cursos de licenciatura da UFPB, está sendo utilizado como material de suporte às aulas de Didática, introduzindo a discussão sobre a maneira metodológica da abordagem de ensino da Escola Nova. Isabel Sofia, freira que nomeia a produção, é portuguesa. Sua trajetória de vida é retratada, juntamente com a influência do método experimental para as ações do ensino construtivista dos dias de hoje. As fontes de pesquisa para a produção do documentário foram variadas, seguindo as recomendações metodológicas indicadas por Gil (1999); Ferreira e Amado (1998); Marconi e Lakatos (2010) e Comparato (2000). A análise, por tratar de uma produção interdisciplinar, faz-se mesclada ora por aspectos estritamente históricos, ora por detalhes cuidados pela Comunicação Social, sem esquecer que o objetivo do trabalho tem como alvo a formação inicial de futuros professores, o que faz esta uma investida pedagógica. O caminho interdisciplinar, aqui vivenciado, comprova a necessidade da superação dos muros disciplinares, num eterno esforço de interligar cada parte estudada por uma determinada ciência ao todo, dando sentido às Ciências Sociais.

Palavras-chave: Ensino de História; Documentário; Escolas Experimentais; Fontes audiovisuais

A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COMO INSTRUMENTO DE ENSINO: A ESCOLA NOVA E O DOCUMENTÁRIO A EXPERIÊNCIA DE ISABEL EM ESCOLAS EXPERIMENTAIS

INTRODUÇÃO

Este estudo se originou do projeto “Mudanças no processo de ensino: o jeito de ser das escolas experimentais”, vinculado ao PROLICEN 2015, pesquisa que recuperou a experiência de uma professora portuguesa convidada a vir implantar, no final da década de 1950, as escolas experimentais na cidade de São Paulo, com proliferação para outros centros urbanos. Essas escolas envolviam os estudantes em alternativas pedagógicas ativas de aprendizagens,

¹ Graduando em História, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência em Ensino de História. Participou do Programa de Licenciatura *Mudanças no processo de ensino: o jeito de ser das escolas experimentais* em 2015, sendo este artigo um de seus frutos.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professor do Departamento de Metodologia da Educação da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência na Educação, com ênfase em Movimentos Sociais e Educação, atuando principalmente na Educação de Jovens e Adultos, Educação Infantil, Educação Escolar e Ensino-aprendizagem. Graduando em História, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência em Ensino de História. Participou do Programa de Licenciatura *Mudanças no processo de ensino: o jeito de ser das escolas experimentais* em 2015, sendo este artigo um de seus frutos.

método vivenciado na Europa e nos Estados Unidos, influenciado pelos ideais da Escola Nova. Como um dos resultados dessa pesquisa, foi lançado, em João Pessoa (PB), em 1º de março de 2016, o vídeo “A experiência de Isabel em escolas experimentais”, com 20 minutos de duração, disponível no endereço: <https://youtu.be/tBFBGg7CSxY>. A nossa análise gira em torno da produção desse vídeo, buscando refletir sobre seu processo de feitura, contemplando informações sistematizadas pela área da Comunicação, incrementadas por registros trazidos pela História, situando os fatos em tempos e lugares determinados, sem que isso interrompa os prováveis usos pedagógicos do vídeo, razão pela qual é justificado o esforço feito pela equipe que o produziu.

Nosso método de trabalho baseou-se em um projeto interdisciplinar, tal qual defendido por Fazenda (1999, p.17):

[...] O pensar interdisciplinar parte do princípio de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois é através do cotidiano que damos sentido às nossas vidas. Ampliando através do diálogo com o conhecimento científico, tende a uma dimensão utópica e libertadora, pois permite enriquecer nossa relação com o outro e com o mundo.

Um pensar nesta direção exige um projeto em que causa e intensão coincidam.

As fontes para a pesquisa e para a produção do documentário foram variadas, bebendo de fontes históricas, de conhecimentos sobre abordagens de ensino, de técnicas desveladas pela Comunicação Social, válidas ao uso da imagem e do som em obras audiovisuais, com seus usos pedagógicos em ações formativas. Sendo um projeto interdisciplinar, deparamo-nos com muitas barreiras, de ordem de conhecimentos, de estilos de discursos, de vaidades acadêmicas, pessoal e gnosiológica. Entretanto “tais barreiras poderão ser transpostas pelo desejo de criar, de inovar, de ir além (FAZENDA, 1999, p.18). E foi isso o que fizemos. Trabalhamos com o método dialético, “que penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade (MARCONI E LAKATOS, 2010, p.88). Sem abandonar o método histórico, partindo do princípio “de que as atuais formas de vida social, as instituições e costumes têm origem no passado” (idem).

Trabalhamos ainda com a história oral, mas fomos alertados por Ferreira e Amado (1998, p.xvi), que afirmam:

[...] a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém, não pode oferecer as respostas.

As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história. Aí se agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico.

Na feitura do vídeo, Comparato (2000) nos ajudou a entender melhor o processo da criação de roteiros para cinema. Complementado por procedimentos e reflexões do uso da pedagogia da comunicação na docência, tratados por Penteado (1998). Vivemos, pois, uma mescla de estudos que misturou contribuições de diversas áreas de conhecimento, mostrando que o saber é transcendente, liberto, não preso a uma corrente vaidosa, isolada e quase egoísta de estudos. De tanto interpenetrado, nosso estudo quase ultrapassa a interdisciplinaridade, rumo à transdisciplinaridade.

Dividimos o exame em três partes fundamentais: a primeira, dedica-se a situar a importância das escolas experimentais para a experimentação da Escola Nova no Brasil, atividade que influenciou a filosofia educativa de Paulo Freire e a das escolas que se autodenominam de construtivistas. Num segundo momento, discute-se o processo de

produção do vídeo, pontuando as contribuições da Pedagogia, da História e da Comunicação, resultando num produto que transcende esses recortes disciplinares. Por fim, apresentamos as conclusões obtidas desse *détour*, percorrido por várias áreas de conhecimentos, num encontro afetivo, capaz de produzir algo transcendente, para além dos recortes de saberes disciplinares.

NASCE UMA NOVA ORDEM PEDAGÓGICA: A ESCOLA NOVA

Desde os primeiros anos do século XX, o ensino escolar caracterizado pela ação de instruir e de ensinar, como ação de um professor que transmite informações para um aluno, ou ação de um que ensina e outro que aprende, foi classificado de caduco. A antítese a esse ensino, classificado de tradicional, baseava-se em afirmações de Rousseau (1712-1778), que defendia que o aluno traz em si os meios de assegurar seu próprio desenvolvimento, sobretudo intelectual e moral, e que toda ação advinda do exterior só pode deformá-lo. Anunciava-se, por esse novo preceito, uma nova mentalidade pedagógica

As ideias de Rousseau representavam uma reação romântica e naturalista contra o formalismo racionalista civilizatório. Em sua obra *Emílio ou da Educação*, ele atesta:

Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem. Ele força uma terra a alimentar as produções de outra, uma arvora a carregar os frutos de outra. Mistura e confunde os climas, os elementos, as estações. Mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo. Perturba tudo, desfigura tudo, ama a deformidade e os monstros. Não quer nada da maneira como a natureza os fez, nem mesmo o homem... (ROUSSEAU, 1999, p.7).

Rousseau defendia a importância do sentimento, da fantasia, da intuição, do desejo e das forças irracionais da vida, privilegiando a abordagem antropológica do homem, em detrimento da epistemologia centrada no saber e na transmissão desse saber. Considerava a criança como um ser perfeito, não apenas como um ser em construção. Suas ideias seduziram Pestalozzi (1746-1827), Froebel (1782-1852), Édouard Claparède (1873-1940), Maria Montessori (1870-1952), e John Dewey (1859-1952).

Pestalozzi foi o pioneiro em testar em ambientes escolares as ideias de Rousseau. Em pleno século XIX, nas escolas por ele criadas, favoreceu liberdade e autonomia ao aluno, nas quais não havia notas, nem castigos nem prêmios. A disciplina exterior foi substituída pelo cultivo da disciplina interior, o aprendizado era conduzido pelo próprio aluno, com base na experimentação prática, na vivência intelectual, sensorial e emocional do conhecimento. Para Pestalozzi, “a educação consistia no desenvolvimento moral, mental e físico da natureza da criança, permitindo ao povo a superação de sua ignorância, imundície e miséria” (PILETTI e PILETTI, 2012, p. 89).

Dando continuidade à lógica da educação pregada por Rousseau, e seguindo aos princípios do suíço Pestalozzi, o alemão Froebel (1782-1852) defendia um ensino sem obrigações e que levasse a autoeducação. Pois, para ele, o aprendizado depende dos interesses de cada um e se faz por meio da prática. Para este alemão, a infância é uma das fases decisivas na formação das pessoas, sendo o criador dos jardins-de-infância (*kindergarten*). Defendia que “as brincadeiras são o primeiro recurso no caminho da aprendizagem. Não são apenas diversão, mas um modo de criar representações do mundo concreto com a finalidade de entendê-lo” (NOVA ESCOLA, 2008, p. 47).

Sob essa mesma linha pedagógica de raciocínio, Maria Montessori (1870-1952), na Itália, deu mais razão à autoeducação do aluno do que ao papel do professor como fonte de conhecimento. Para ela o objetivo da escola é a formação integral da criança, cuidando-se de respeitar as necessidades e interesses de cada uma, de acordo com os estágios de

desenvolvimento correspondentes às faixas etárias. Nas escolas de Montessori, o espaço interno é cuidadosamente preparado para permitir liberdade, independência e iniciativa pessoal das crianças. Disse ela:

A criança não pode levar uma vida normal no mundo complicado dos adultos. Todavia, é evidente que o adulto, com a vigilância contínua, com as admoestações ininterruptas, com suas ordens arbitrarias, perturba e impede o desenvolvimento da criança. Desta forma, todas as forças positivas que estão prestes a germinar são sufocadas; e a criança só conta com uma coisa: o desejo intenso de livrar-se, o mais rápido que lhe for possível, de tudo e de todos. (MONTESSORI. In: GADOTTI, 1993, p.151).

A teoria montessoriana foi encampada por várias escolas de países diferentes da Europa. A *Association Montessori Internationale*, sediada em Amsterdã, na Holanda, tem realizado congressos internacionais e cuida de capacitar pessoas para atuarem com a metodologia da pedagoga italiana.

Ainda seguindo os princípios de uma pedagogia ativa em torno do aluno, Celéstin Freinet (1896-1966), na França, inventou as aulas-passeio (ou estudos de campo), a troca de correspondências entre alunos de uma escola a outra, os jornais de classe (falado e impresso), o texto livre (para que os alunos registrem suas ideias, vivências e histórias), a cooperativa escolar, o contato frequente com os pais (porque a escola deveria ser a extensão da família). Freinet era contrário ao uso da cartilha em sala de aula, pois essas eram alheias às necessidades das crianças. Defendia que as crianças fossem buscar informações nas bibliotecas, que deveriam existir nas escolas. A partir das coisas estudadas, caberia às crianças formular hipóteses e testar sua validade. Freinet, não tendo um método pedagógico rígido e nem uma teoria propriamente científica, recebeu elogios do suíço Jean Piaget (1896-1980), que dedicava-se a estudar as coisas com minuciosa observação científica. Piaget ao analisar a gênese do conhecimento, deduziu que a aprendizagem é construída, e que o papel da escola é levar o aluno a aprender a aprender.

Todas essas contribuições relacionadas a métodos ativos de aprendizagens foram sistematizadas por John Dewey (1859-1952) que, a partir de uma escola laboratório, ligada à Universidade de Chicago, onde lecionava para testar métodos pedagógicos, instituiu uma corrente filosófica conhecida como pragmatismo, embora ele preferisse o nome de instrumentalismo, pois para ele as ideias só têm importância desde que sirvam de instrumentos para resolver problemas. É a partir de John Dewey que se inicia o movimento chamado de Escola Nova, o mesmo que, no Brasil, influenciou Anísio Teixeira (1852-1971) e, mais tarde, o educador Paulo Freire (1921-1997). Esse movimento é baseado na liberdade do aluno buscar suas próprias certezas, a partir de regras aceitas, onde o professor deve ser um intermediador, mas nunca capaz de dar respostas prontas. O aluno deve ser capaz de raciocinar e de elaborar conceitos válidos e apresentar soluções razoáveis para os problemas propostos em atividades escolares. Em outras palavras, a prática de um método pedagógico ativo. O que era ensino passou a ser pesquisa e os alunos participam dela. A escola virou um campo de experiências empíricas para a afirmação de teorias.

Essas ideias pedagógicas seduziram o educador Anísio Teixeira que, na década de 1920, resolveu trazê-las ao Brasil, junto com o seu projeto de oferecer educação gratuita a todos os brasileiros. Junto a si, muitos admiradores de renome passaram a defender essa lógica de ensino para o Brasil. Dentre eles pode-se citar: Sampaio Dória, Miguel Couto, Fernando de Azevedo, Carneiro Leão, Amoroso Costa, Artur Neiva, Lourenço Filho, entre outros. Esses educadores firmaram-se como defensores da Escola Nova e fizeram publicar, em 1931, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, com larga repercussão em todo o país, reproduzido na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, de 1932.

Porém, a tradição brasileira de educação, desde sempre, esteve firmada no modo tradicional de ensino, onde o professor é quem dá a aula e os alunos a assistem. Mesmo quando o assunto da aula é contrário aos modos tradicionais de ensino, a fórmula é sempre a mesma: o professor dita e os alunos copiam. Isso, mesmo atualmente. O professor é o representante do saber, ele fala e o estudante escuta, reafirmando o caráter tradicional da escola.

Se até hoje é grande a dificuldade do rompimento com os modos pedagógicos de ser de uma escola que só sabe ser tradicional, esta foi muito maior em décadas passadas. Por isso foi que, mesmo anunciada uma nova maneira pedagógica de se dar aulas, nos anos de 1950, pouca gente se aventurava a seguir caminhos diferentes do modo tradicional de ensinar. Isto justificou o convite a uma professora europeia, treinada a trabalhar no método montessoriano, a vir instruir professores a serem renovadores em seus métodos pedagógicos de trabalho. Pela nova ordem, os professores deveriam falar o menos possível e a perguntarem ao invés de responderem. Essa era a nova escola, também conhecida como escola experimental, já que a lei brasileira, de detalhe em detalhe, não colaborava, pois cobrava a manutenção das escolas tradicionais. Essa foi a razão da vinda da professora Isabel Sofia para iniciar, em ambiente nada favorável, as primeiras escolas experimentais do Brasil. Em outras palavras, nascia com ela o exercício das pedagogias ativas, ou a implantação da Escola Nova em solo nacional.

OS ESTUDOS NO PROJETO MUDANÇAS NO PROCESSO DE ENSINO: O JEITO DE SER DAS ESCOLAS EXPERIMENTAIS

Escola experimental é um nome dado à escola que adota iniciativas de organização pedagógica não cabíveis no âmbito da legislação comum. Foram assim denominadas as primeiras escolas construtivistas do Brasil, até serem reconhecidas pelo artigo 104, da Lei 4.024/61. Com essa consciência, o Projeto Mudanças no Processo de Ensino: O jeito de ser das escolas experimentais, estabeleceu-se com o propósito de: a) Entender a filosofia pedagógica das escolas experimentais do Brasil, durante a segunda metade do século XX; b) Situar onde as escolas experimentais aconteceram no Brasil, mapeando as experiências pioneiras; c) Localizar pessoas que fizeram parte dessas escolas, como aluno ou professor; d) Recuperar os modos vivenciados de ensino-aprendizagem, expresso na metodologia praticada nessas escolas; e) Sistematizar as aprendizagens desse percurso de estudos; f) Participar das aulas de Didática, de várias licenciaturas da UFPB, no intuito de discutir aspectos do construtivismo, da Escola Nova e apresentar os estudos sobre as escolas experimentais deste Projeto; g) Produzir material escrito sobre tal experiência.

O Projeto aconteceu seguindo várias etapas: a) Seleção de bolsistas. Foram selecionados os bolsistas: Víctor Braga Gurgel, estudante do curso de História, matrícula: 11316227. E como voluntária, a estudante: Flávia Melina Azevêdo Vaz, aluna do curso de Pedagogia, matrícula: 11319903; b) seções de estudos semanais, ao longo do ano de 2015. Estes estudos buscaram descobrir quando, onde, em que cenário político, surgiram as escolas experimentais do Brasil; com quais públicos, sob qual metodologia, em que conjunturas culturais, etc.

Deste período estudado, muitas informações foram coletadas em torno da criação das escolas experimentais no Brasil, principalmente nos anos de 1950 e 1960. Parte dessas informações serviu de apoio às aulas de Didática, enquanto a disciplina trabalhava o assunto dedicado às abordagens de ensino no Brasil. Após esse trabalho, viu-se a possibilidade de se transformar em vídeo parte das informações coletadas. Daí surge a ideia de se fazer o registro em vídeo da experiência de Isabel, uma portuguesa que participou da implantação da Escola Nova no Brasil. Viveu isso em São Paulo, no final da década de 1950 e início dos anos de 1960, através das primeiras experiências das escolas experimentais do Brasil.

A PRODUÇÃO DO VÍDEO “A EXPERIÊNCIA DE ISABEL EM ESCOLAS EXPERIMENTAIS”

Fazer um vídeo é contar uma história. E o ato de contar histórias é uma das atividades mais antigas da humanidade. Através dela surge a memória, em cima da qual abrem-se oportunidades para a construção de uma identidade cultural e social, fortalecendo valores ou mudando-se costumes. Tratando-se de um documentário relacionado à vida de uma pessoa e de seus fazeres situados em um determinado tempo de sua vida, faz-se necessário uma pesquisa histórica. Para tanto, faz-se necessária a busca por um entendimento global da sociedade em foco tendo como base uma temporalidade, um corte histórico. Logo, o entendimento dos contextos sócio-políticos e culturais foi fundamental em nosso estudo. Nesse sentido, para a produção do roteiro, ajudou-nos as recomendações de Comparato (2000), sobre a composição da sinopse, dos personagens, e dos cuidados para com a temporalidade e a composição dos nossos registros.

Mas eles só fariam sentido com a contribuição da História. Como muito bem coloca Michel de Certeau (1982), todo sujeito por si só é histórico, tendo suas ações e pensamentos norteados pelo *lugar social* em que se encontra inserido. Assim, Isabel Sofia, sujeito histórico que assume o protagonismo do documentário, juntamente com suas ações, é entendida muito mais quando se compreende o lugar social de onde a mesma surgiu, suas ideologias, os contextos culturais e políticos específicos de sua temporalidade. Desta forma, torna-se possível perceber sua importância como uma das pioneiras de uma metodologia de ensino pouco compreendida e praticada no Brasil, na época dos anos de 1950.

Mas não basta só o estudo da História para que nasça dele a produção de um vídeo. O acaso ou mesmo acontecimento histórico só se torna um vídeo se ele for transformado em “obra”, seguindo os três processos básicos do cinema: a redação do argumento, a produção e a realização (MARNER, 1980, p.11). E mais, as ideias carecem de serem criativas.

Criativas tanto pela motivação quanto pelos métodos de abordagem, tais indagações constituem sempre novos desafios e têm na busca sua própria razão interna. Esta busca não tem preço mas as pessoas lhe dão o mais alto valor. No entanto, sua avaliação encontrará pouco eco no contexto da sociedade de consumo, cujos valores existem prioritariamente no produto – que poderia tornar-se em mercadoria lucrativa – e nunca nos processos de criação. Estes, identificando-se com processos de desenvolvimento da pessoa, representam um caminho de experiências de vida que cada um terá que fazer por si mesmo, jamais podendo tornar-se objeto vendável ou comprável (OSTROWER, 1990, p.248).

Partindo dessa premissa, e com essas aprendizagens, é que transformamos o relato de Isabel Sofia numa obra de cinema, visando atingir fins didáticos. A própria história de Isabel já oferece um roteiro prévio para se contar a chegada das escolas experimentais no Brasil, douradas de religiosidade, de dedicação ao outro.

Isabel Sofia nasceu em Portugal, na Vila das Gaeiras, em Óbidos. Logo cedo decidiu ser freira, ingressando na Ordem de Santo Agostinho. Jovem, se mudou para Dijon, na França, onde experimentou o método Montessori, recebendo orientação de Helena Lubienska, uma importante discípula da Maria Montessori. A partir das instruções dessa educadora, aprendeu a seguir o método construtivista de ensino.

No Brasil, por volta dos anos de 1950, esse método já fazia sucesso para alguns educadores, dentre eles, Anísio Teixeira e Paulo Freire. No entanto, os professores do Brasil não estavam capacitados para agirem por esta nova ordem pedagógica. Coube à Igreja Católica, nos seus colégios mais nobres, se iniciar por esse caminho didático. Essa foi a razão da Congregação de Santo Agostinho convidar Isabel Sofia, uma portuguesa que morava na

França, para vir ao Brasil com a incumbência de treinar quadros de professores para atuarem com esses métodos novos, chamados, à época, de experimentais. A sua primeira experiência se deu no Colégio Madre Alix, situado no Morumbi, na cidade de São Paulo.

Para a produção do vídeo retratando esse enredo, o roteirista e produtor, José Ramos Barbosa, resolveu recontar a história de Isabel Sofia, desde o seu nascimento até a vinda dela para São Paulo. Utilizou-se de fontes primárias, a saber, fotografias e relatos orais da própria freira e de pessoas próximas a ela. Decidiu ir a Portugal, rever os lugares onde Isabel havia morado. Visitou Óbidos, gravou imagens. Além destas produzidas pelo próprio José Ramos Barbosa, ele utilizou-se de imagens da cidade de São Paulo na década de 1950, temporalidade retratada no documentário. O vídeo informa que, atualmente, as escolas experimentais são as experiências construtivistas de educação, inspiradas em teorias desenvolvidas por Vygotsky (1896-1934) e Piaget (1896-1980). Enfim, a produção audiovisual pode ser caracterizada como documentário, de acordo com Gauthier (2010).

O vídeo documentário, *a priori*, surgiu com o intuito de auxiliar as ciências, devido ao seu *efeito de real* (ROSSINI, 2006:116), que aparentemente garante uma objetividade no que é mostrado. Entretanto, sendo uma produção humana, é impossível separá-lo de suas subjetividades. Toda produção audiovisual está inserida num contexto social, cultural, político e econômico. Considerando-se que há uma seleção prévia do tema a ser trabalhado, do enquadramento das imagens a serem filmadas, da duração das cenas, e das tecnologias que realizarão a gravação/edição do material, etc. Como abordagem teórica acerca desta produção audiovisual, comungamos com Guy Gauthier (2011), quando o mesmo afirma que há dificuldades em distinguir a ficção do documentário. Ele sugere ao historiador que se baseie no roteiro da obra para a sua classificação em cinema romanesco ou cinema documentário, cabendo a ele decidir em qual categoria a produção audiovisual melhor se enquadra.

Uma vez que a estrutura narrativa do documentário em análise não se assemelha à de um romance, o enquadrámos como um cinema documentário.

A obra objetivou cumprir função didática, tratando de aspectos relativos à Escola Nova. Porém, ela não detalha tanto esses aspectos. Deixa a curiosidade aos telespectadores. Alguns podem se perguntar: Por que o vídeo não nos instrui a sermos tecnicamente construtivistas? Uma pergunta que fica sem respostas. Afinal, no construtivismo trabalha-se muito mais com perguntas do que oferecendo respostas prontas. E o vídeo se propõe a ser didático. Mostra, mas sem oferecer respostas satisfatórias. Um desafio didático, ou uma forma próxima à afirmativa de João Ricardo e João Apolinário (1974): “Em mim nada está como é, tudo é um tremendo esforço de ser”.

CONCLUSÕES

O projeto “Mudanças no processo de ensino: o jeito de ser das escolas experimentais”, e a produção do vídeo “A experiência de Isabel em escolas experimentais” nos envolveu em um espiral de aprendizagens em que, quando pensávamos saber o suficiente, nos deparávamos com saberes ainda novos, nos lançando a novas descobertas. Aprendizagens que não estavam guardadas como privilégios de uma única área de conhecimentos, porque foram frutos de tantos diálogos, que já nasceram permeadas da troca de saberes, tal qual a arte de aprender, cheia de subjetividades.

É o movimento da sabedoria humana, sempre enriquecida por outros olhares, múlti, plúri, inter e transdisciplinares. Aprendemos que o isolamento de algum estudo pode ser bom para o conhecimento, mas somente por um momento. Depois é preciso se juntar o separado ao todo. O todo é o saber. Além disto, vimos como são diversas as fontes históricas e as linguagens historiográficas, podendo um documentário servir como fonte de pesquisa, além de material de ensino para o professor de História e de outras áreas do conhecimento.

Concluimos que toda educação depende de atos da comunicação, e a comunicação só se faz melhor entendida se subsidiada de dados históricos que situem os fatos, e que só têm sentido se situados em contextos explicados pela Sociologia, ou pela Biologia, ou pela Antropologia... Paulo Freire é quem tinha razão, quando pregou o diálogo como método, como viés para o entendimento e para a arte de se saber mais, como a vida, feita do que aprendemos e do que somos, um sentimento de pertença que também é fruto de aprendizagens. Somos o que aprendemos.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- FAZENDA, Ivani (org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.
- GAUTHIER, Guy. **O documentário: um outro cinema**. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro – Campinas - SP: Papyrus, 2011. (Coleção Campo Imagético).
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARNER, Terence ST John. **A direção cinematográfica**. Arte e Comunicação. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- NOVA ESCOLA Revista. **Grandes pensadores: 41 educadores que fizeram história, da Grécia Antiga aos dias de hoje**. Julho de 2008. São Paulo: Abril; Fundação Victor Civita, 2008.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- PENTEADO, Heloísa Dupas (org.). **Pedagogia da Comunicação: teorias e práticas**. São Paulo: Cortez, 1998.
- PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da educação: de Confúcio a Paulo Freire**. São Paulo: Contexto, 2012.
- RICARDO, João; APOLINÁRIO, João. **Angústia**. Secos & Molhados. São Paulo: Continental Stereo Gravadora. 1974.
- ROSSINI, M. de Souza. O lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. In: LOPES, A. H. et al **História e Linguagens: texto, imagem oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- ROUSSEAU, J-J. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VALDEMARIN, Vera Teresa. **História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso**. São Paulo: Cortez, 2010.